

VIEIRA, Ricardo. *Histórias de vida e identidades*.

Porto: Afrontamento, 1999. 397 p.

O livro parte de tese elaborada pelo autor, discute práticas pedagógicas, representações sociais e formação de atitudes de professores de escolas da educação básica portuguesa, diante da reforma educacional, proposta pelo Estado, que pretende uma mudança educativa voltada para uma escola mais democrática e de sucesso para todos¹.

A investigação é do gênero estudo de caso e baseou-se em trabalho de campo em três escolas, durante quatro anos, concluído em 1996. O autor adota o caminho de elaboração e análise de histórias de vida dos professores, procurando relacioná-las com as suas práticas pedagógicas e falas sobre as mesmas. Afirmando tratar-se de problemática vasta, porque mobiliza visões de educação, identidade, tradição e mudança, Ricardo Vieira salienta que o

seu livro tem como problema central o humano diante do novo pois, para além de uma ação cognitiva, o professor é um “técnico de relações humanas”(p.25).

O autor considera ainda que a formação de professores também acaba por ser objeto de suas elaborações, especialmente “o processo de formação

* PRODOC – Núcleo de pesquisas sobre a profissão docente – Faculdade de Educação – UFMG (participaram das discussões e elaborações desta resenha: Anna Maria Salgueiro Caldeira (Puc-Minas), Ana Lúcia de Faria e Azevedo (Mestrado, FaE, UFMG-PBED), Fernanda Flávia Rios dos Santos (Pedagogia, FaE, UFMG), Zenaide Fernandes de Oliveira (Pedagogia, FaE, UFMG), Jacqueline (Mestrado, FaE, UFMG), Dolores Maria Borges de Amorim (FaE, UEMG), Maria José de Paula (PBI, Marista), Maria Zenaide Alves (Pedagogia, FaE, UEMG), Samira Zaidan (FaE, UFMG), Simone Grace de Paula (Mestrado, FaE, UFMG), Wagner Auzrek (Uni-BH).

¹ A reforma do sistema de ensino português foi instituída em Lei no ano de 1986, referida pelo autor como um “conjunto de ideais democráticos e educacionais”.

reflexiva e contínua e a aprendizagem da interculturalidade”(p.23). Assim sendo, ao final do livro, articula propostas no sentido da realização do que denomina uma “auto-reflexão biográfica” e a “construção de uma pedagogia intercultural”.

A obra é de leitura instigante, organizando-se em três partes: 1. Reflexão teórica e revisão bibliográfica em torno das temáticas das histórias de vidas e identidades, professores e interculturalidade; 2. Apresentação do estudo de campo; 3. Análise das histórias de vida, práticas e representações sociais dos professores, bem como propostas em torno da formação docente.

Na primeira parte, o autor refere-se à etnografia como procedimento para descrever contextos socioculturais, propondo-se a utilizar “paradigmas interpretativos” (Geertz,1989) a partir da observação participante. Explicita, assim, que o uso que fará de entrevistas e estudos das histórias de vidas insere-se numa perspectiva que possibilita o confronto dos professores com suas práticas, o diálogo com momentos de suas vidas, onde as razões e as lógicas de cada um sejam expostas e explicadas.

Em seu trabalho Ricardo Vieira utiliza-se do conceito de cultura, na perspectiva antropológica, como definição dos modos de vida de um grupo social, de suas

formas de agir e de pensar, de suas condutas efetivas e de suas representações sociais, conforme modelos que os orientam. Baseia-se também no conceito de mente cultural elaborado por Raul Iturra e afirma que há diferentes processos educativos, paralelos e para além da escola, que inculcam mentalidades diferentes nos indivíduos, constituindo uma heterogeneidade de mentes culturais. Em seu estudo, Vieira investiga a mente cultural do professor, a sua identidade e cultura pessoal, que se refletem na sua cultura profissional. Através das histórias de vida de professores, ele procura isolar os constrangimentos sociais, modelos culturais e adultos mediadores que contribuíram para a sua formação como pessoa e profissional mais aberto ou, pelo contrário, mais fechado, à educação para a diversidade. Para Vieira, a aceitação do outro está longe de ser uma atitude espontânea. Ele a considera um produto de uma trajetória social de que resulta ou não a tomada de consciência do etnocentrismo intrínseco ao olhar para o outro. Nesta discussão ele utiliza o termo “multicultural” para referir-se à pluralidade de culturas e subculturas e “intercultural” para assinalar a preocupação de comunicação e convivência entre diferentes culturas.

Vieira compreende que, para a construção da identidade e cultura pessoal,

concorrem, não só a origem social e a socialização primária, em que se constrói a mente cultural do indivíduo, mas também toda a sua trajetória biográfica. Nesse contexto analítico, organiza os conceitos de “trânsfuga”, para referir-se ao indivíduo que ascende de grupo social e recebe o novo, realizando uma transição de vida sem desconhecer suas origens, e de “oblatos”, para referir-se ao indivíduo que rejeita a cultura de origem.

Para Viera, ou se ignora e esquece o passado cultural de onde se provém ou, pelo contrário, consegue-se tirar partido dessa riqueza da cultura original, como experiência vivida no cotidiano da vida, para, assim, praticar uma pedagogia do relativismo cultural: uma pedagogia contra o racismo, contra a xenofobia, contra a segregação social, contra a discriminação social e sexual, enfim, uma pedagogia intercultural.

Na segunda parte da obra, há uma caracterização das três escolas onde o pesquisador fez o trabalho de campo, denominadas por Barcarena, Barca (escolas básicas de 1º ciclo – 7 a 11 anos) e Sal (escola básica que inclui os 2º e 3º ciclos – 12 a 14 anos).

São analisados aspectos como o funcionamento das escolas, a proveniência sociocultural dos alunos, a cultura da escola, os professores e sua relação com as mudanças. Uma vez que discute

a questão da interculturalidade, o autor destaca que o envolvimento entre escola, família e professores resulta num contato de diferentes culturas, que podem ou não dialogar entre si.

Na terceira parte do livro, o autor apresenta e analisa as biografias dos professores, utilizando-se dos conceitos de “trânsfugas” e “oblatos” para entender o vínculo dos sujeitos com sua cultura de origem. Classifica a maior parte dos professores pesquisados como trânsfugas interculturais. Ou seja, indivíduos que percorreram vários espaços geográficos, vários mapas cognitivos e culturais, experiências e saberes, até que, pela escola, tiveram acesso à cultura letrada e ascenderam à cultura que mantém o poder e o reproduz através do sucesso escolar. Vieira acredita que, em vista disso, os professores trânsfugas têm uma preparação mais multicultural, o que os leva a tirar partido da sua história de vida, para melhor lidar com as realidades e fazer ponte entre os saberes locais e os saberes dos programas educacionais. O autor verifica que os professores “trânsfugas” são mais abertos à mudança que o sistema educacional português propõe e têm um relacionamento mais interessante e mais empático com os alunos. Uma minoria dos sujeitos pesquisados são categorizados pelo autor como oblatos, que diferentemente

daqueles, apresentam maiores conflitos em lidar com a diversidade cultural.

Vieira considera que histórias de vida semelhantes podem produzir atores com diferentes atitudes e posicionamentos face aos mesmos fatos. A aprendizagem da interculturalidade, por exemplo, é resultante de determinados percursos biográficos e da forma como foram "caminhados". O contato com o diferente, com o distante, geográfica e culturalmente, a forma como foram influenciados, modelados e mediados por adultos significativos interfere na maior ou menor abertura à diferença e ao entendimento da multiculturalidade. Desse modo, o professor constrói as suas experiências e representações numa história significativa, num contexto determinado, o que exige do pesquisador a observação e articulação desses aspectos e de como o sujeito com eles se relaciona. Para o autor, essa abordagem que faz é construtivista e interacionista, pois os significados são construídos pelas pessoas através de sua interação com os contextos.

Finalizando o estudo e projetando suas posições, o autor discute proposições para a formação de professores, declarando a importância da Antropologia, sugerindo algumas mudanças para se pensar o sistema educativo no sentido de que a escola se enverede por um processo educativo

intercultural, através do contato interpessoal em sala, haja vista a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Para tanto, sugere a utilização do que denomina de "método comparativo", pois considera que, assim, o sujeito consegue pensar o próprio eu, buscando o auto-conhecimento, o que pode ter como ponto de partida a sua própria história de vida.

Uma vez que o desenvolvimento de competências interculturais nos trânsfugas não pode, apenas, depender das formas como esses sujeitos reagem a momentos críticos nas suas trajetórias de vida, devendo ter ações mais deliberadas que visem a formar esse tipo de perfil, Vieira busca, no método comparativo, na reflexão sobre as práticas e na conscientização do papel político do educador, a formação desse perfil intercultural. Conclui reafirmando que para a efetivação de uma reforma educacional como a proposta, é preciso, primeiramente, modificar as práticas nas escolas. Para transformar as práticas, por sua vez, exige que os docentes sejam tocados intimamente nas suas representações sociais e no seu habitus (Bourdieu). Aponta, ainda, a necessidade da formação contínua dos docentes, para que possam refletir suas práticas cotidianas.

Há vários pontos a serem considerados, numa análise conclusiva

mais geral. Podemos ressaltar que a identidade dos professores é constituída em processos dinâmicos e contínuos; que o objetivo principal das análises foi o de destacar e perceber as representações sociais dos sujeitos. A antropologia poderia ser uma das vias para reforçar a competência do professor de lidar com contextos multiculturais. A história de vida como algo que permite aos próprios sujeitos entrevistados se redescobrirem. O professor como uma pessoa que muda a história e as práticas e, ainda, a idéia de que os professores inovadores acabam por reconstruir a identidade da escola já que para mudá-la é preciso modificar as práticas, de modo que uma reforma ocorre institucionalmente e, também, dentro dos sujeitos.

Completando nossas considerações sobre a obra, o Grupo de Pesquisa não pode deixar de fazer analogias com a realidade brasileira, destacando pontos semelhantes em relação à nossa experiência. O desejo de mudanças, os discursos proferidos pró-reforma são mais efetivos do que a mudança prática, propriamente. Contudo, os professores, como sujeitos sociais, têm caminhadas em que constroem representações, identidades e uma consciência docente capazes de conduzir uma reforma que venha reforçar experiências, questioná-las, ou dialogar com elas.

Tudo isso aponta para os docentes uma maior consciência da complexidade da formação, em geral e, dentro dela, da formação escolar. Questiona-se o autor, propondo que todos se questionem: o que realmente leva um profissional a ser um bom professor (reflexivo, crítico, sensível e inovador)? Acredita-se que essa condição se relacione com a história de vida de cada um, com sua formação e experiências e, sobretudo, com as condições de trabalho, de vida e com as oportunidades criadas pela realidade e pela própria pessoa, ao refletir sobre suas próprias construções em seus contextos.

Destacamos ainda, o que nos pareceu positivo, que o autor explicita também suas posições todo o tempo de sua pesquisa, não assume uma postura distante, mas sim de quem tem compromisso com a realidade, com a educação democrática, inclusiva e intercultural.

Finalmente, ressalta-se que a compreensão das questões relativas à diferença cultural sejam articuladas às questões da desigualdade social, de modo que uma não se sobreponha e nem anule a outra. Em um país como o Brasil, a discussão da interculturalidade precisa considerar o contexto e a história de profundas desigualdades sociais que ainda prevalecem, tematizando uma e outra na formação docente e na educação.